

O milagre do mundo a cada instante: Herberto Helder e a doutrina nietzschiana do eterno retorno do mesmo¹

Fernando Velasco*

Universidade do Porto / ILCML

Resumo: Em um primeiro eixo, este ensaio critica os discursos historicamente prevalentes no Ocidente sobre a salvação do mundo, demonstrando que, da metafísica platônica e da teologia cristã aos mais variados projetos salvíficos modernos, nada mais são do que expressões do niilismo ocidental, no sentido de Friedrich Nietzsche. Em um segundo eixo, mais construtivo, a doutrina física e ética do eterno retorno do mesmo, esboçada teoricamente pelo filósofo e realizada artisticamente por Herberto Helder, é mobilizada como alternativa a todas as concepções niilistas do tempo: uma poderosa invenção poético-filosófica, a partir da qual se torna possível afirmar plenamente a vida.

Palavras-chave: Salvação do mundo, Friedrich Nietzsche, Herberto Helder, niilismo, eterno retorno

Abstract: In a first axis, this essay criticizes the historically prevalent discourses in the West about the salvation of the world, showing that, from Platonic metaphysics and Christian theology to the most varied modern salvific projects, they are nothing more than expressions of Western nihilism, in the sense of Friedrich Nietzsche. In a second, more constructive axis, the physical and ethical doctrine of the eternal return of the same, theoretically outlined by the philosopher and artistically realized by Herberto Helder, is mobilized as an alternative to nihilistic conceptions of time: a powerful poetic-philosophical invention, from which it becomes possible to fully affirm life.

Keywords: Salvation of the world, Friedrich Nietzsche, Herberto Helder, nihilism, eternal return

Convém ser breve quando se diz o óbvio. Quanto a mim, gostaria então de dizer muito brevemente algumas obviedades, à guisa de introdução. Por exemplo, a de que o primeiro problema que se coloca a quem escreve a esses *Materiais para a Salvação do Mundo* é, inevitavelmente, o de saber o que se entende por *mundo* e por *salvação*. A mim me parece óbvio que quem diz *salvação* diz também *fim* - e não é um acaso que os *Materiais para a Salvação do Mundo* sucedam aos *Materiais para o Fim do Mundo*. Dizer *salvação* é assim o mesmo, digo eu, que identificar a possibilidade mais ou menos palpável de um fim que no entanto se cogita - nem que seja para rejeitar essa hipótese - contornável, evitável. É só porque algo está mais ou menos perto do fim que poderia ou deveria ser salvo: só por isso se discute sua salvação.

Salvação... do mundo. Quem diz *mundo*, me parece, nunca diz o mundo, mas um mundo, isto é, quem diz mundo ficcionaliza uma certa ordem, atualiza uma determinada imagem, de uma realidade em si mesma amorfa, enigmática, incognoscível. Quero com isso dizer que, para mim, a palavra *mundo* não designa nenhuma realidade ontológica, nenhuma essência, mas como que o resumo ou a forma condensada de certa leitura de um texto infinito porque infinitamente elusivo. Esse texto, o texto do real, não pode ser decifrado: pode apenas ser lido e relido, interpretado e reinterpretado, até que sua letra seja infinitamente sobreposta por infinitas camadas de interpretação.

Tudo isso me parece significar que salvar o mundo é sempre salvar, evitar o fim, não de uma realidade e sim de uma interpretação da realidade - informada, como todas as interpretações da realidade, por uma série de valores, por sua vez instituídos, como todos os valores, desde uma precisa perspectiva de valoração: um preciso ponto de vista sobre o valor de tudo que existe, da existência, da vida. Pelo que quem tentasse salvar o mundo tentaria evitar o fim não só de um conjunto de valores como o do valor desses valores, ao salvar a perspectiva sobre a vida que os valora, os legitima.

Se estivermos falando de valores instituídos, da imaginação prevalente sobre uma realidade infinitamente interpretável e infinitamente enigmática, se estivermos em suma falando de leituras canônicas do texto do real, então essa perspectiva legitimadora de valores é a da cultura. Para nós, aqui, agora, no Portugal dos anos 2020, a da cultura ocidental. Então, a menos que façamos um esforço sobre-humano contra isso - e é claro que não escrevo *sobre-humano* inadvertidamente -, a menos que consigamos de algum modo, como eu ia dizendo, nos demarcar dos valores de nossa própria cultura, e muitas vezes até mesmo ou principalmente quando acreditamos consegui-lo, salvar o mundo é quase sempre para nós, aqui, agora, salvar o mundo ocidental: evitar ou contornar o fim do Ocidente - se *Ocidente* não for a metade mais à esquerda do planeta terra e sim um modo de ler, uma proposta de leitura. Talvez a mais convencida, provavelmente a mais autoritária, mas ainda uma proposta de leitura entre outras: um modo entre outros de se ler o texto do real, de se interpretar a realidade.

É portanto ao contexto mais amplo das interpretações propriamente ocidentais da realidade que eu gostaria de remeter a tarefa de uma superação tanto crítica quanto construtiva dos discursos historicamente canonizados pelo Ocidente sobre a salvação, o fim e, simetricamente, sobre a origem do mundo, um mundo, seu mundo, o nosso, este. Uma tarefa, eu dizia mais acima, *sobre-humana*. Por mim mesmo, eu não poderia remotamente começar a enfrentá-la. Poderia no máximo - e é o que vou tentar, estou tentando - me socorrer de duas forças extraordinárias que por acaso tenho vindo a frequentar, a de um filósofo e a de um poeta, muito amigos entre si, tenho certeza: Friedrich Nietzsche e Herberto Helder. É óbvio que eles já estão comigo desde o começo deste texto, como que soprando ao meu ouvido as palavras que escrevi até aqui. Mas a partir de agora eu gostaria que falassem de modo mais explícito. Gostaria, por exemplo, de lembrar que uma dessas duas forças, a de Nietzsche, deu um nome à generalidade das interpretações ocidentais da origem, do fim e da salvação do mundo: *niilismo*.

Para Nietzsche, a história do Ocidente é a das várias formas do mesmo processo de niilização, de nadificação, de desvalorização, de atribuição de valor de nada à vida - a partir da instituição de valores em relação aos quais a vida mesma seria negatividade, deficiência, imperfeição. Em sua primeira manifestação histórica maior, *niilismo* significa para o filósofo a niilização da vida terrena, a desvalorização da vida temporal, a negação de valor a tudo que vive na terra, no tempo, em devir, em benefício de uma eternidade fora do tempo ou de um mundo extratemporal. Nietzsche pensava principalmente nas interpretações metafísico-teológicas da realidade, das quais o platonismo é a variante mais erudita e o cristianismo a mais popular. Para desvalorizar o tempo, Platão o declara imperfeito em relação à eternidade ideal de que seria imitação. Para depreciar tudo que vive sobre a terra, a Bíblia cristã cria estados de Ser ou de Nada anteriores e posteriores ao devir, reduzindo a vida terrena, temporal, a um mero intervalo entre origem e fim, gênese e apocalipse, pecado original e juízo final, ou ainda, entre ausência de tempo e - se a vida for cristã o bastante, ascética o bastante, ruim o bastante - redenção para a eternidade, eterna salvação. É para se vingar da finitude inerente à vida terrena, ou para administrar um desejo angustiado de salvação, que a cultura ocidental inventa mundos mais valorosos que o mundo, como o mundo-ideia platônico e o paraíso cristão.

A história do Ocidente demonstra que o desejo de salvação e a angústia do fim podem alimentar milênios de niilização da vida. Mas não podem deter o fluxo do tempo: não podem evitar que chegue o dia em que as ficções de uma eternidade extratemporal se revelam como o que na verdade sempre foram: *nihil*, nada. Com a modernidade, os valores platônico-cristãos já não podem dar sentido à existência. O horror ao fim, o ódio ao tempo e o ressentimento contra a vida temporal já não podem informar a ficção de mundos mais valorosos que o mundo. Mas ainda podem informar a ficção de um tempo mais valoroso que o tempo: um tempo a ser realizado,

redimido, salvo em uma região temporal específica, o futuro – um futuro batizado diversas vezes com o mesmo nome, Esperança, isto é, Progresso, Revolução ou, segundo registros cartoriais mais recentes, Sustentabilidade, Redução de Emissões de Carbono, Veganismo. Os discursos modernos sobre a salvação do mundo projetam uma imagem não mais metafísica, teológica, e sim teleológica do tempo – e talvez as escatologias mais antigas ou mais modernas tenham sempre muito de teleologia, talvez falar em *fim do mundo* seja sempre dar ao tempo um fim, um tólos. E assim, transferido o centro de gravidade do tempo de uma eternidade fora do tempo para o tempo futuro de seu fim ou sua salvação, a modernidade não faz mais do que niilizar novamente a vida, ou que declarar novamente imperfeito o tempo, ao confundi-lo com um movimento para a catástrofe ou para a perfeição.

Para salvar o mundo de sua salvação, quer dizer, para libertar a vida terrena dos discursos historicamente privilegiados pelo Ocidente sobre a salvação do mundo, para portanto superar todas as interpretações niilistas do tempo e ultrapassar cada uma das formas sucessivas do *niilismo* a que resume a história ocidental, Nietzsche propõe uma interpretação alternativa da realidade: uma leitura inteiramente outra do texto do real. Nenhuma subordinação do tempo a uma eternidade extratemporal e nem tampouco às suas futuras perfeição ou catástrofe. Nenhuma origem ou fim. Nenhuma salvação fora do tempo ou no tempo futuro. Nenhum instante inicial ou final, nenhum estado de Ser ou de Nada antes ou depois do devir, nenhuma realização do tempo em alguma sua sub-região. Para o filósofo, o mundo não pode nem deve ser salvo se não vai acabar, mesmo porque não começou: o mundo é incriado e infundável, porque o tempo é infinito. Mas as forças que dão forma ao mundo, a tudo o que existe, todas as coisas, são finitas. Em um tempo infinito, um número finito de coisas, por maior que seja e por mais tempo que levem para isso, tem, necessariamente, que se repetir por toda a eternidade. Pelo que Nietzsche declara eterno o próprio tempo em que cada instante vivido se repetiria ao infinito, no revir cíclico de todo o devir, ou na eterna circularidade da vida temporal.

Tenho para mim que Herberto Helder é signatário dessa exata interpretação da realidade, dessa precisa imagem do tempo – como mostra um dos muitos textos que documentam sua amizade com Nietzsche, publicado na revista *Telhados de Vidro*. Diz o poeta:

Entendi que o quirólogo empregava uma qualquer metáfora. – “O senhor há de morrer no lugar onde nasceu; a sua vida é um círculo”. – A intuitiva matéria do destino, matéria mágica, permitia os símbolos, o uso figurativo, a obscuridade lírica, a claridade lírica, nos meandros do tempo, que é também ele um suporte poético. Eram circulares, todas as vidas, para mim eram-no todas, as vidas fiéis fundadas no poder pessoal, na raiz desse poder, e o nascimento e a morte estabeleciam um nexu. O nexu era o futuro, o destino. Utilizava-se metaforicamente o círculo, a reprodução do lugar fechado, para exprimir a

espacialidade dos tempos, o princípio, o fim: como na clepsidra onde a água é a mesma sempre, circula sempre; e esse mecanismo replica aos ritmos e ciclos naturais. O tempo é uma criação abstrata mas assenta no vitalismo da natureza. Falara literalmente, o quirólogo. (Helder 2005: III)

Literalmente ou por metáforas, é de se supor que o quirólogo de Herberto Helder falasse alemão. Suas palavras afinal não têm nada de divinatórias e tudo de expositivas: expõem a face cosmológica da doutrina nietzschiana do eterno retorno do mesmo. Para a arte helderiano-nietzschiana da quirologia, seriam - é o poeta quem o diz - “circulares todas as vidas”, de modo que “o círculo, a reprodução do lugar fechado”, seria a melhor imagem temporal, a representação mais natural da “espacialidade dos tempos”, “como na clepsidra onde água é a mesma sempre, circula sempre”, replicando a circularidade dos “ritmos e os ciclos naturais”, em conformidade com o “vitalismo da natureza”, com a eterna vitalidade da terra, a eternidade da vida terrena, temporal. É portanto bastante seguro pensar que a poesia de Herberto Helder subscreve as hipóteses cosmológicas da filosofia de Nietzsche, isto é, que a escrita do poeta faz também suas as interpretações da realidade física que o filósofo reúne à maneira de uma cosmologia.

E contudo, as hipóteses cosmológicas comuns à filosofia de Nietzsche e à poesia de Herberto Helder, as interpretações nietzschiano-helderianas da realidade física, são isso mesmo: hipóteses, interpretações, leituras do texto do real - em si próprias, aquém ou além de sua maior ou menor legitimação cultural, nem mais nem menos válidas do que as da salvação do mundo fora do tempo ou em um tempo futuro. A verdade é que nem poeta e nem filósofo, nem poesia e nem filosofia poderiam saber realmente se cada instante vivido retorna eternamente ou não - talvez a ciência creia absolutamente sabê-lo, traíndo assim sua condição de crença, seu estatuto de artigo de fé, seu parentesco com a religião. Nem Herberto Helder nem Nietzsche sabem, eu ia em todo caso dizendo, se uma imagem circular do tempo é mais ou menos verdadeira que outra qualquer, ou se a vida temporal regressa eternamente ou deixa de eternamente regressar. Mas não importa. O problema não é o de aferir a veracidade cosmológica ou a validade física da doutrina do eterno retorno do mesmo. O problema é o de saber o que faríamos, como agiríamos, que espécie de conduta perante a existência assumiríamos, e então que tipo de mundo criaríamos, se soubéssemos que tudo na vida se repete ao infinito. É o tema do célebre aforismo 341 da *Gaia Ciência* (1882), “O maior dos pesos”. Escreve Nietzsche:

- *O maior dos pesos*. E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, assim como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é infavelmente grande

em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem - e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta da existência será sempre virada novamente - e você com ela, partícula de poeira!". - Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: "Você é um deus e jamais ouvi coisa mais divina!". Se esse pensamento tomasse conta de você como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e cada coisa, "Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?", pesaria sobre os seus atos como o mais pesado dos pesos! Ou o quanto você teria que estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela? (Nietzsche 2012: 205, itálicos do autor)

A ampla maioria dos verbos que estruturam o texto de Nietzsche está no modo subjuntivo. A situação exposta pelo filósofo é perfeitamente hipotética. *E se* a clepsidra quirológica de Herberto Helder, digo, a ampulheta demoníaca de Nietzsche, tivesse que ser infinitamente virada e revirada? *E se*, na eterna circularidade do tempo, esse exato instante que transcorre agora mesmo se anelasse com todos os demais? E se tivéssemos de reviver infinitas vezes tudo que alguma vez vivemos de maior e menor, de mais solar e mais sombrio, mais belo e mais horrível? *E se* tudo que já vivemos de melhor e de pior carregasse secretamente o peso de sua própria eternidade? Morreríamos de angústia? Desabaríamos sob uma condenação aterradora? Ou nos rejubilaríamos face à perfeição do tempo, da terra e da vida? Maldiríamos a realidade? Apelaríamos a algum discurso sobre a salvação do mundo? Ou aprovaríamos incondicionalmente a existência, até no que ela tem de mais doloroso e terrível, aprovando assim a eternidade da vida, mesmo tendo da vida a mais dura apreciação? Não é preciso saber se o tempo retorna: é preciso saber se estamos à altura da tarefa de viver aqui e agora, isto é, se estamos ou não agora mesmo prontos para dizer *sim* à eterna repetição de cada instante vivido, mais ainda, se temos ou não a coragem de dizer a cada instante vivido *sim* a toda a eternidade.

A doutrina do eterno retorno do mesmo é uma interpretação da realidade física, uma obra de ficção cosmológica, um nobilíssimo fruto da imaginação filosófico-poética. Mas suas contrapartidas éticas não poderiam ser mais reais. Estou convencido de que é disso que trata um dos textos em que Herberto Helder registra de maneira mais explícita sua amizade com Nietzsche. Em certa gíria boêmia, certo dialeto trágico, o pensamento nietzschiano-helderiano do eterno retorno recebe o inusitado apelido de "Singapura". Conta o poeta em *Os Passos em Volta* (1963):

Refiro-me às virtudes da imaginação. Não se pode exigir mais nada. Uma pequena cervejaria numa pequena cidade destinada, em nós, ao puro jogo. Era um palco. Estávamos os dois a uma mesa do canto, e ele exercia-se no imaginário com uma desenvoltura maravilhosa.

[...] Brilhava. Fazia os gestos, dizia as palavras. E ia regulando cuidadosamente a fonte de onde brotavam as verdades. [...] Eu acreditava na minha vida.

- O Ocidente não presta - dizia o alemão. Espero que arrasem tudo.

[...]

- Nunca bebi cerveja tão boa. - E ele respondia:

- Claro: somos puros. Como é que a cerveja poderia ser má? A verdade é que é preciso ir para Singapura. Tu vais para Singapura.

[...]

- Atenção - diz ele. - Quando chegares a Amsterdão procuras o Max Hughes na morada que te dei. Entregas-lhe a minha carta. Mais nada. Ele embarca-te logo para Singapura.

[...]

O amigo comprou-me o bilhete de comboio para Amsterdão e, na própria gare, bebemos ainda duas ou três cervejas. Encadeado na luz das inspirações alemãs, dormi durante quase toda a viagem. Um sono cortado por vozes frenéticas, fulgurantes assaltos de imagens, coisas pressentidas, uma íntima rede de referências, intuições, uma pequena música trabalhada pela cerveja e pela comoção. Tudo o que experimentei e vi e li, tudo quanto me foi dado saber, para vislumbrar a confusa maravilha do mundo. Na memória, o amigo de algumas horas continuava a urdir Singapura. (Não era Singapura?). O comboio transpunha a noite. Eu acordaria no meio da luz.

Mas em Amsterdão nem sequer existia a rua que o meu amigo tinha indicado e, claro, nunca houve em qualquer parte da terra um homem chamado Max Hughes que conseguisse embarcar gente para Singapura. Às vezes chego a pensar que não existe nenhuma cidade com tal nome. Mas não é nem nunca foi essencial. A comoção e a esperança, sim, essas existem, e são o tema dos nossos dons, a nossa tarefa. E é nelas próprias que o milagre do mundo pode ser concebido. (Helder 2016: 103-6)

Os melhores protocolos da teoria literária proíbem qualquer identificação entre personagens ficcionais e indivíduos empíricos. Mas como não ver, molhado de cerveja, o vasto bigode do “amigo alemão” que, entre um gole e outro, desanca o Ocidente e, já após uns bons copos, envia o narrador helderiano a uma rua inexistente em Amsterdão, para ir ter com um incerto Max Hughes, que nunca foi de carne e osso? O eterno retorno do tempo é obra das “virtudes da imaginação”, assim como a Singapura de Herberto Helder nunca esteve em um mapa geopolítico. Mas, como diz o poeta, isso “não é nem nunca foi essencial”: o essencial é viver *como se* Singapura existisse, como se o tempo fosse eternamente retornar. Essa é “nossa tarefa” - *sobre-humana*, eu dizia mais cedo: a tarefa de dizer “sim” à vida tal como ela é, foi e será, não para que o mundo venha um dia a ser salvo, mas, pelo contrário, - e é Herberto Helder quem o diz - para que a cada instante o milagre do mundo possa ser novamente concebido.

Notas

* Fernando Velasco é doutorando em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e membro colaborador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, além de mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e graduado em Comunicação Social pela mesma instituição. Nos últimos anos, tem escrito principalmente sobre as relações entre poesia e filosofia ou sobre as relações entre a literatura e as outras artes. Concluirá em breve sua tese de doutoramento, sobre a tragicidade comum à poesia de Herberto Helder e à filosofia de Friedrich Nietzsche. É também roteirista de cinema. Seu último longa-metragem, *Nosso Sonho, a história de Claudinho e Buchecha* (2023), levou mais de meio milhão de pessoas aos cinemas e recebeu diversos prêmios em festivais brasileiros e internacionais.

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020 - <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020>).

Bibliografia

- Helder, Herberto (2005), “Entendi que o quirólogo empregava uma qualquer metáfora”, *Telhados de Vidro*, nº 4, Maio: III-III2.
- (2016), *Os Passos em Volta*, Rio de Janeiro, Tinta da China Brasil [1969].
- Nietzsche, Friedrich (2012), *A Gaia Ciência*, trad. Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das Letras [1882, 1887].